

Presbiterianismo: o Protestantismo precursor em Patos de Minas (1889-1947)

Marcela Borges de Melo

Aluna do 6º período do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
sob orientação do Prof. Mestre Marcos Antonio Caixeta Rassi.

Resumo: No final do século XIX surgia o protestantismo na Vila Santo Antônio dos Patos, na região do Alto Paranaíba-MG, dentro de um ambiente marcadamente católico. Tratava-se da Igreja Presbiteriana, que aqui se consolidou por meio de missionários e pastores a fim de auxiliarem o pequeno trabalho que se iniciara, até a vinda do primeiro pastor residente, em 1938. Entre o seu início, em 1889, e a sua organização como Igreja, em 1947, houve um papel preponderante exercido por homens de grande influência dentro da Igreja, além de um processo de organização e estruturação por meio da nomeação dos governos e também da criação de corpos sociais, que auxiliariam na consolidação dos membros da Igreja. Para a disseminação da “nova religião” fez-se necessária a criação da Escola Dominical, que seria um instrumento de grande importância na educação dos membros e de seus filhos no contexto moral e espiritual. Metodologicamente, para se efetuar esta pesquisa, utilizamos um estudo bibliográfico de obras referentes ao Protestantismo, às missões protestantes no Brasil e sua introdução na região mineira do país, além de fontes primárias e entrevistas.

Palavras-chave: Protestantismo. Calvinismo. Presbiterianismo. Patos de Minas.

Abstract: At the end of the 19th century, Protestantism arose in Vila Santo Antônio dos Patos, in the region of Alto Paranaíba-MG, in a predominantly catholic atmosphere. It was the Presbyterian Church that was consolidated here through missionaries and clergymen who aimed at assisting the little work that had been started, until the arrival of the first resident minister in 1938. Between its beginning, in 1889, and its organization as a Church, in 1947, there was a preponderant role carried out by men of great importance within the Church, besides a process of organization and structure through the nomination of governments and the creation of social corpora, who aided in the consolidation of the Church members. For the dissemination of the “new religion”, it was necessary to create the Dominical School, which was an important instrument in the education of the members and of their children in moral and spiritual context. Methodologically for the present research we consulted works related to Protestantism, to the protest missions in Brazil and their introduction in Minas Gerais, besides primary sources and interviews.

Keywords: Protestantism. Calvinism. Presbyterianism. Patos de Minas.

“Todos estes morreram na fé [...] confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Homens dos quais o mundo não era digno”.
Hebreus 11.13, 38

1. Considerações iniciais

Fazer um trabalho sobre história de religiões no âmbito da história regional já é um desafio. Mais ainda quando se trata de religiões não-católicas, tendo em vista a hegemonia que o catolicismo exerce e exercia tradicionalmente em Patos de Minas, MG, *locus* desta pesquisa.

Esta hegemonia é dominante até mesmo nas obras de autores locais que tratam do tema religião. Pesquisamos as fontes oficiais encontradas na biblioteca do Centro Universitário de Patos de Minas, mas fomos impedidos de avançar na pesquisa, fazendo uma abordagem mais crítica e abrangente por falta de material.

Analisamos a obra de Oliveira Mello, *A Igreja de Patos de Minas* (Patos de Minas: Escola Estadual Cônego Getúlio, 1983) e constatamos a hegemonia do catolicismo, o que nos permite criticar as lacunas deixadas pelo autor, não permitindo a abordagem de outras igrejas que tiveram extrema importância no contexto da cidade.

Nesse trabalho fizemos um estudo sobre a primeira Igreja protestante a se instalar na cidade, bem como seus precursores a partir de 1889. Trata-se da Igreja Presbiteriana do Brasil, que iniciou suas atividades realizando cultos em residências, dirigidas por membros leigos, que não tinham formação teológica ou por missionários e pastores que por aqui passaram esporadicamente, até a vinda do primeiro pastor residente, apenas em 1938.

Tratamos da conversão do Dr. Antônio Dias Maciel e dos impactos deste fato dentro e fora da Igreja, promovendo a organização de sociedades internas da mesma, juntamente com os pastores, além da organização da Congregação em Igreja, pela Comissão Especial liderada pelo Rev. Augusto da Silva Dourado, em 1947.

Propomo-nos assim compreendermos a necessidade da Igreja em se organizar naquele momento. Para isso apresentamos suposições de que juntamente com esta necessidade houvesse também outra, a de se estruturar os membros dentro de uma hierarquia, constituída nesse momento de organização, além de outros fatores. Podemos citar como fatores determinantes o crescimento do contingente e ao mesmo tempo a necessidade de fundamentar esses membros e seus filhos numa base cristã por meio da Escola

Dominical. Também devido às perseguições que alguns membros vinham sofrendo por parte de familiares e da própria sociedade patense, via-se a necessidade de criar vínculos de unidade entre os participantes com a criação de vários corpos sociais dentro da Igreja.

Portanto, nosso objeto de estudo está centrado no processo de organização da Congregação em Igreja desde o momento em que ela se instalou na então vila de Santo Antônio dos Patos, até sua organização de fato e oficial que viria a ocorrer em 1947. E também corroborar a importância da Igreja Presbiteriana dentro da comunidade em um processo histórico de organização concomitante com o crescimento de Patos de Minas.

Como justificativa podemos dizer que além do interesse pessoal pelo assunto e devido à escassa produção acadêmica que trata sobre o tema do presbiterianismo, principalmente numa abordagem regional, sentimos a necessidade de recuperar o processo histórico da Igreja Presbiteriana no Alto Paranaíba, especificamente em Patos de Minas, MG.

Como metodologia, utilizamos para a realização deste trabalho fontes bibliográficas, pesquisando em livros e artigos na internet, que tratam do protestantismo e mais especificamente sobre o presbiterianismo em Patos de Minas, a fim de buscar auxílio na investigação e construir um corpo teórico para o tema.

Fizemos o uso de pesquisas documentais, cujo acesso foi cedido pela Igreja Presbiteriana de Patos de Minas, por meio da leitura de suas atas, atentando para o processo de formação e estruturação da Igreja.

Para complementar o trabalho e também no sentido de evidenciar e elucidar as tensões vividas pela comunidade nesse período (1889-1947), fizemos pesquisa de campo, entrevistando sujeitos que participaram do contexto da Igreja Presbiteriana direta ou indiretamente.

2. A Reforma Protestante

No início do século XVI inicia-se o movimento de reforma protestante, causada pela insatisfação no ideário da Igreja Católica, emergindo novas ideias que caracterizaram a sociedade europeia. Com o Renascimento, surge um momento de profundas transformações na vida e na visão de mundo do homem europeu. Inicia-se o questionamento aos dogmas e ao poder material da Igreja Romana, à autoridade papal, à venda de indulgências, o que desencadeou a Reforma Religiosa. Mas como afirma Dunstan, esse descontentamento já se instaurara antes mesmo de as 95 teses de Martinho Lutero

(1483-1546) serem afixadas nas portas da Igreja de Wittenberg na Alemanha, em 31 de outubro de 1517:

Houve reformadores na Igreja, antes dos dias da Reforma, mas esses homens criticavam a condição de degradação em que a Igreja caíra e agiam no intuito de restaurá-la e reintegrá-la na sua antiga pureza moral e responsabilidade espiritual (DUNSTAN, 1964, p. 28).

Depois de romper definitivamente com a Igreja Romana, Lutero começou a pregar contra a infalibilidade do papa, denunciando a corrupção do papado, declarando que ao contrário do que se pregava pela Igreja Católica, a salvação provinha não de obras, mas da fé. Lutero começou a contar com uma legião de seguidores de todas as classes sociais.

Desde o início do movimento protestante, Lutero se dedica à tradução das Sagradas Escrituras, que se tornou acessível a boa parte dos fiéis, graças à descoberta da impressão. Outro ponto interessante de Lutero é que ele preconizava a criação de escolas junto às igrejas, valorizando a educação. Diante disso: “eram organizadas escolas onde existisse uma igreja, pois um dos grandes interesses de Lutero era a educação dos filhos do seu povo” (NICHOLS, 1981, p. 156).

Outro movimento surgiu na Suíça alemã, sob a liderança de Ulrico Zuínglio (1484-1531), que em 1519 foi influenciado por Lutero fortalecendo suas convicções reformistas. Então, em Zurique, ele começou a realizar cultos com modificações maiores e mais radicais do que as de Lutero, passando a ser conhecido como “movimento reformado” e seus seguidores como “reformados”. Mas a obra de Zuínglio teve pouca duração, ele faleceu dois anos depois de conhecer Lutero.

Após a morte de Zuínglio em 1531, o movimento reformado passou a ter um novo líder, João Calvino (1509-1564), que se manifestou muito mais articulado e influente que o anterior. Assim como Lutero, Calvino mostrou-se preocupado com a educação dos membros para atender aos pressupostos de educação e religião, como pode ser percebido por Nichols:

Os planos de Calvino quanto à educação foram inspirados por sua convicção de que a verdadeira religião e a educação estão inseparavelmente associadas. A preservação e segurança da fé reformada, viu ele, requeriam um povo educado tanto quanto um ministério educado (NICHOLS, 1981, p. 165).

O Calvinismo foi difundido por meio dos livros escritos por Calvino, especialmente o *Institutos*, disseminando as ideias nos movimentos da Reforma na França, Holanda, Escócia e em muitas partes da Alemanha, como também na Inglaterra.

Esta difusão também se deve ao intenso deslocamento de refugiados que procuravam escapar da repressão religiosa em seus países. Muitos homens e mulheres iam a Genebra, onde foram treinados nos preceitos da fé reformada e retornaram aos seus países imbuídos de novas ideias. Um deles foi João Knox.

Knox foi o mais importante reformador da Escócia, perseguido e preso na França, esteve na Inglaterra, exercendo pastorado durante algum tempo, tendo de fugir para Frankfurt, depois para Genebra, onde foi acolhido por Calvino. Em 1559 regressou à Escócia, onde liderou o movimento de reforma religiosa. Sua influência extrapolou a área religiosa, atingindo também a vida política e social do país. Sob a sua influência, o parlamento escocês declarou o país oficialmente protestante, em 1567. A igreja, organizada por Knox e seus auxiliares, recebeu o nome de Igreja Presbiteriana.

O presbiterianismo foi levado da Escócia para a Inglaterra; de lá, para os Estados Unidos da América. Em meados do século XIX, com o problema da escravidão e da Guerra de Secessão, houve a divisão dos presbiterianos americanos, surgindo assim duas grandes denominações, a Igreja Presbiteriana do Norte (PCUSA), com sua junta de missões estrangeiras sediada em Nova York, e a Igreja do Sul (PCUS), com o seu comitê de missões em Nashville, no Tennessee.

Houve um grande despertar espiritual nos Estados Unidos, o que levou os presbiterianos a se interessar por missões estrangeiras. Então, missionários foram enviados para vários países, inclusive para o Brasil.

3. Análise da conjuntura nacional

Com o fim da Monarquia, em 1889, o Brasil adotou novo sistema de governo, a República. Boris Fausto analisa que “a passagem do Império para a República foi quase um passeio” (FAUSTO, 1998, p. 245), sem grandes repercussões.

Minas Gerais era uma das províncias mais importantes do Brasil na propaganda republicana, por ser de tradição republicana e liberal mais antiga e nitidamente definida. Em Minas Gerais não houve sublevação na ocasião da mudança do regime, como afirma Tôres:

Não houve agitação em Minas quando se mudou o regime: a coisa correu em calma. Presidia os destinos da província o Visconde de Ibituruna, um homem prudente e tranqüilo. O novo governo nomeava Cesário Alvim governador do Estado. No dia 17 chegava Felício dos Santos para empossá-lo; não encontrando Cesário Alvim, deu posse a Antônio Olinto dos Santos Pires. O Visconde de Ibituruna passou o governo tranqüilamente. (TÔRRES, s/d, p. 963, vol. 4).

Em 1891 foi promulgada a Constituição mineira, tendo como líder Afonso Pena, pois nos primeiros anos da República fazia-se necessário a manutenção da ordem por meio de uma constituição que organizasse o Estado. O grande tema da Constituição mineira, que provocou debates acalorados, foi a mudança da capital, visto que Ouro Preto não atendia às necessidades de um centro cultural e econômico. Fundava-se então Belo Horizonte.

Nomes como Afonso Pena, Bias Fortes e Silviano Brandão, presidentes do Estado de Minas Gerais, foram os principais artífices deste período, que foi uma época de transição e transformação, dando forma à nova organização política da terra mineira.

Na República nascente do Brasil os militares assumiram a liderança, tendo o Marechal Deodoro da Fonseca como chefe do governo provisório, mas havia rivalidades entre o Exército e a Marinha, constituindo um grupo heterogêneo. Em 1891 foi promulgada a Constituição da República, consagrando a República federativa liberal. Outro ponto fundamental na República foi a separação de duas instituições, o Estado e a Igreja, deixando de existir uma religião oficial no Brasil. Importantes funções, até então monopolizadas pela Igreja Católica, foram atribuídas ao Estado.

Boris Fausto aponta que estas medidas

[...] refletiam a convicção laica dos dirigentes republicanos, a necessidade de aplinar os conflitos entre o Estado e a Igreja e o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes. Os imigrantes alemães não eram em sua maioria católicos, e sim protestantes luteranos (FAUSTO, 1998, p. 251).

Minas Gerais, entre 1891 e 1930, assistiu ao apogeu da influência dos “coronéis” na vida política brasileira, e como aponta Tôrres:

Inaugurada pelo Presidente Campos Sales a “política dos governadores”, constituída a supremacia dos presidentes do Estado na política interna, agregadas todas as forças num

partido único, o Partido Republicano Mineiro, fundada a política municipal na força dos “coronéis”, o resultado seria um sistema político sumamente original (TÔRRES, s/d, p. 1028, vol. 4).

Com a eleição de Prudente de Moraes em 1894, inicia-se a República das Oligarquias, em que as duas maiores oligarquias, São Paulo e Minas Gerais, exerceram a hegemonia numa aliança política entre elas.

O período da República das Oligarquias foi marcado pela presença dos imigrantes que foram responsáveis pela urbanização do país, principalmente em São Paulo. Houve também diversas revoltas que abalaram a ordem no país tanto no Nordeste quanto no Sul. Com a industrialização e o crescimento das cidades surgiram vários movimentos da classe trabalhadora.

De 1922 até 1930 a República das Oligarquias estava em crise com a criação do Partido Comunista, o tenentismo e a Semana da Arte Moderna, tendo fim no governo de Washington Luis que, insistindo na candidatura de um paulista à sua sucessão, causou forte cisão entre as elites dos grandes Estados. Era o fim da “política dos governadores”. Isto foi o estopim de uma revolução, que derrubou a República Velha, em 1930, levando Getúlio Vargas ao poder.

Antônio Carlos deixa o poder de Minas Gerais e assume Olegário Maciel, que adota atitudes conciliadoras. Durante seu governo Minas se conflagra, apoiando a Revolução de 1930. Mas se o Brasil tinha um novo governo, Minas permaneceu com o governo antigo. O regime de tenente interventor, que funcionava em todos os Estados do país, não funcionou em Minas durante o governo de Olegário Maciel e seu sucessor Benedito Valadares.

Começa a Era Vargas, com Getúlio Vargas no Governo Provisório, de 1930 a 1934. Depois ele permaneceria no poder como presidente constitucional até 1937, quando por meio de uma manobra implanta o Estado Novo, uma ditadura que perduraria até 1945.

A insatisfação de Minas Gerais diante da política ditatorial de Getúlio Vargas fez surgir o Manifesto dos Mineiros em 1943, exigindo novas eleições. Minas, de 1930 a 1945, sofria restrições em sua expansão e teve o progresso cerceado pelas imposições do sistema, causando esse descontentamento.

Depois da Segunda Guerra Mundial uma nova consciência tomava os brasileiros, que lutaram contra o regime fascista, enquanto internamente vivia um regime ditatorial

inspirado por esse mesmo fascismo. Começou uma luta interna pela redemocratização no país, com a deposição de Vargas. O general Eurico Gaspar Dutra ganharia as eleições, apoiado pelo PSD, Partido Social Democrático, promulgando uma nova Constituição em 1946.

4. A inserção do presbiterianismo no Brasil

Desde os primeiros séculos da história do Brasil houve a presença de calvinistas em nosso país. Em 1555, um grupo de franceses liderado por Nicolas Durand de Villegaignon instalou-se em uma das ilhas da baía de Guanabara, que seria conhecida como “França Antártica”. A este lugar foi enviado um grupo de colonos e pastores reformados, que no dia 10 de março de 1557 realizariam o primeiro culto protestante no Brasil. Só que desavenças teológicas surgiram entre Villegaignon e os luteranos, obrigando-os a retornarem ao país de origem, restando cinco deles, que foram presos. Entre estes alguns foram executados.

Outra tentativa de introduzir o calvinismo no Brasil se deu em meados do século XVII, por meio dos holandeses, que em 1621, criaram a Companhia das Índias Ocidentais com o objetivo de conquistar e colonizar territórios da Espanha nas Américas. Com a expulsão dos holandeses, em 1654, as igrejas nativas criadas por eles extinguíram-se.

Somente no século XIX seria permitida a entrada do protestantismo no país, facilitada após a chegada da família real portuguesa, em 1808. Em 1810 foi firmado um tratado com a Inglaterra, tratava-se do tratado de Aliança e Amizade, e de Comércio e Navegação, que permitiu a penetração do protestantismo, cujos artigos 12 e 23 determinavam que residentes britânicos em domínios e territórios portugueses não seriam perturbados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião, mas teriam liberdade de culto em espaços domésticos e privados; porém não poderiam fazer prosélitos, ou seja, converter os católicos ao protestantismo.

A própria Constituição de 1824 viria a dar essa liberdade aos missionários vindos da Europa e também da América. E ela assim determinava: “Art. 5.º - A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.” (RIBEIRO, 1973, p. 27). Os templos deveriam assemelhar-se externamente a casas de habitação. Era vetada toda forma exterior de culto que possuísse símbolos, como o uso de sinos e templos com torres.

Essa liberdade de consciência só pôde acontecer devido a uma preocupação em ocupar o território brasileiro e defendê-lo de invasores e também porque a escravidão já era um projeto falido no país e precisava de pessoas para suprir a mão-de-obra, que somente seria possível com a vinda de imigrantes em grande número; e para isso deveriam oferecer liberdade religiosa aos que aqui chegassem. Segundo Ribeiro,

Aos constituintes preocupava a liberdade de consciência, mas incomodava-os também a urgência de ocupar o território e de defendê-lo, o que somente seria viável com a vinda de imigrantes em grande número; e para isso a liberdade de religião, parecia-lhes, era condição (RIBEIRO, 1981, p. 292).

Somente em 1835, igrejas norte-americanas se interessariam pela introdução do culto protestante no Brasil, porém, os missionários dedicar-se-iam apenas à assistência pastoral aos cidadãos norte-americanos.

Baseados no princípio do “Destino Manifesto”, a Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América resolve enviar o primeiro missionário presbiteriano ao Brasil, em 12 de agosto de 1859. Ashbel Green Simonton, recém-diplomado pelo Seminário Teológico de Princeton, é enviado ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro, sede do império.

A igreja recebe seus primeiros membros, organizando uma sede no Rio de Janeiro, em 1862. Pelo breve período em que viveu no Brasil, Simonton fundou o primeiro jornal evangélico do país, a *Imprensa Evangélica*, em 1864, criou o pioneiro presbitério, em 1865, também organizou um seminário para preparar novos pastores para o ministério, em 1867. Simonton faleceu vitimado pela febre amarela aos 34 anos, em 1867.

O trabalho dos evangélicos veio a tomar maior notabilidade com a conversão do padre paulista José Manoel da Conceição, homem instruído e respeitado na Igreja Romana. Em 1864, organizaram um concílio¹, o Presbitério do Rio de Janeiro, que, depois de instalado, admitiu ao pastorado o Rev. José Manoel da Conceição, em 1865, auxiliando o Rev. Blackford na propagação do Evangelho.

Em 1867, iniciaram-se no Rio as aulas para os primeiros candidatos ao ministério presbiteriano, com quatro seminaristas, todos de São Paulo, dos quais três eram portu-

¹ Na organização eclesiástica da Igreja Presbiteriana do Brasil adota-se um sistema representativo de governo. Neste sistema, reúnem-se os membros em assembleia para elegerem seus representantes e estes formam o concílio, que são assembleias formadas por pastores e presbíteros, que se reúnem para cuidar do governo da Igreja em seus respectivos níveis. Ver: NASCIMENTO; MATOS, 2007, p. 75.

gueses e um paulista, de Brotas. Os presbiterianos consideravam essencial a instrução dos pastores, como relata Ribeiro: “As Igrejas Presbiterianas nos Estados Unidos davam grande importância à instrução de seus pastores, e essa importância filtrou-se para a Igreja Presbiteriana no Brasil” (RIBEIRO, 1981, p. 258). Apenas três casos foram exceção, devido à urgência da obra missionária, por não haver número suficiente de missionários, sendo eles: Rev. José Manoel da Conceição, o ex-padre Rev. George Whitehill Chamberlain, e William Pitt, que auxiliaram o Rev. Blackford no Rio de Janeiro e São Paulo.

A Igreja Presbiteriana do Brasil tornou-se autônoma, desligando-se das igrejas-mãe norte-americanas, no ano de 1888, quando foi organizado o Sínodo² da Igreja, que se compunha de três Presbitérios: Rio de Janeiro, Campinas e outro no Oeste de Minas e Pernambuco. Este último se dividiria mais tarde.

Simonton e seus companheiros eram todos da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUSA). Os primeiros missionários da Igreja do Sul (PCUS), Edward Lane e George Nash Morton, chegariam ao Brasil somente em 1869. Eles se fixaram em Campinas, evangelizaram a região de Mogiana, o oeste de Minas, o Triângulo Mineiro e o sul de Goiás. Mais tarde, em 1906, a Missão Sul da PCUS passaria a atuar em duas frentes: Missão Leste do Brasil (East Brazilian Mission), com sede em Lavras, e a Missão Oeste do Brasil (West Brazilian Mission), com sede em Campinas. Destacou-se John Boyle, que atuou pela Missão Oeste do Brasil.

Segundo Ribeiro e Celani, o trabalho da Missão Oeste contava com um plano estritamente definido, lastreado em três fundamentos: autossustento, autogoverno e autopropagação. O procedimento missionário utilizado pela WBM limitava-se a dedicar-se à evangelização, empregando o método de se apossar de um novo campo, desenvolvê-lo o mais rápido possível e depois levá-lo a se autossustentar, transferindo o campo à Igreja Presbiteriana do Brasil, passando a buscar novos campos.

John Boyle foi enviado ao Brasil pelo Comitê de Missões de Nashville da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Desembarcou em 15 de abril de 1873 em Reci-

² O concílio da Igreja é formado pelo Conselho, Presbitério, Sínodo e o Supremo Concílio. O *Conselho* é constituído pelos pastores e pelos presbíteros da Igreja, que exercem o governo, a disciplina e a administração de uma Igreja Presbiteriana. O *Presbitério* é formado por um grupo de igrejas de uma determinada região, supervisionando o trabalho dos pastores e dos Conselhos. Já o *Sínodo* é formado por um grupo de Presbitérios de uma determinada região, sendo necessários três Presbitérios para a sua organização. Enquanto o *Supremo Concílio* é constituído por uma assembleia de pastores e presbíteros eleitos por seus respectivos Presbitérios, que se reúnem nos anos pares, quadrienalmente. Ver: NASCIMENTO; MATOS, 2007, p. 76-78.

fe, transferindo-se para Campinas, e auxiliou o Rev. Edward Lane no trabalho evangelístico. Em 1879 fixou residência em Mogi-Mirim e daí em diante evangelizou a região fronteiriça de Minas Gerais. Em 1881 e 1882 fez suas primeiras viagens em companhia de Wingerter indo até Uberaba, no ano seguinte até Paracatu, passando por Araguari, Bagagem (atual Estrela do Sul), Santa Luzia de Goiás e Formosa. Em 1887, mudou-se com a família para Bagagem, no norte do Triângulo Mineiro, onde passaria a ser a nova base de operações para o evangelismo.

Referindo-se a Minas Gerais, o Rev. Blackford afirmou anos antes que

Esta parte do Brasil por ora parece proibida para trabalho evangélico aberto e ativo; mas a igreja não precisa se queixar disso, enquanto não tiver homens prontos para este trabalho, neste campo. Em quase toda parte, não haja dúvida, encontraremos oposição maior ou menor e teremos de vencê-la. (RIBEIRO, 1981, p. 37).

John Boyle foi este “homem pronto para o trabalho” que se lançou na missão de evangelizar lugares ermos do interior mineiro, cuja entrada era de difícil acesso, tanto pela dificuldade de penetração de transportes quanto das Escrituras.

Chaves, ao se referir a Minas Gerais, relata que os vizinhos dos protestantes os evitavam, os parentes desapareciam, e ninguém queria trabalhar nas casas ou fazendas dos protestantes; não alugavam nem vendiam casas a protestantes, sob ameaça de excomunhão por parte dos padres. Segundo Chaves, “naquela época, naquele meio, qualquer pessoa que dissesse estar lendo um livro, era olhada com desconfiança: estava virando protestante. Só os protestantes liam e tinham livros” (CHAVES, 2008, p. 44).

O meio utilizado de evangelização usado no Brasil desde os primeiros presbiterianos era a distribuição de folhetos, Bíblias, geralmente o Novo Testamento; mas havia muita resistência quanto ao material, pois os vigários e os padres alegavam que as Bíblias protestantes eram falsificadas, proibindo os membros de lê-las, ameaçando excomungá-los.

Em Patrocínio – cidade localizada também no Alto Paranaíba-MG –, Chaves refere-se às perseguições toleradas pelos protestantes, afirmando que

Já havia franca oposição aos crentes. É preciso que se diga, com justiça, que se não fora a perseguição movida pelos incríveis sacerdotes católicos-romanos, procurando, por todos os meios, indispor suas ovelhas e atirá-las contra os crentes evangélicos, todas as lutas religiosas, prevenções e campanhas odiosas que se seguiram, não só naquele setor como

em vários outros pontos do interior do país, tudo seria evitado, pois o nosso povo é bom e acolhedor, por índole (CHAVES, 2008, p. 113).

Depois da morte prematura de John Boyle, em 1892, o Rev. Charles Morton, que fixou residência em Araguari, trabalhou na região continuando o trabalho iniciado por Boyle, dando assistência às igrejas de Patos de Minas, Arapuá, Carmo do Paranaíba e Rio Paranaíba. Entretanto, foi Alberto Zanon quem mais deu prosseguimento ao trabalho de Boyle, pastoreando o campo de Estrela do Sul e adjacências durante 13 anos.

5. Implantação do presbiterianismo em Patos de Minas

A Igreja Presbiteriana foi precursora do protestantismo na vila de Santo Antônio dos Patos, sendo introduzida em 1889, por meio dos casais João Tomaz Smith e Eliza Smith, ingleses metodistas; Jorge Cramer e Maria Cramer, vindos do Rio de Janeiro, e Saint-Clair Justiniano Ribeiro e Francisca Beatriz Ribeiro, crentes vindos de Canta Galo, Rio de Janeiro. Estes se reuniam aos domingos na casa dos Smith para culto e pregação do Evangelho, tendo John Smith à frente do trabalho, embora este não tivesse formação teológica.

Geraldo Fonseca, um autor patense, escreveu em sua obra *Domínios de pecuários e enxadachins: história de Patos de Minas*, a respeito do papel desempenhado por protestantes na cidade. Trata-se de Eliza Lane Smith, que regeu a Escola Municipal do Sexo Feminino na cidade: “Eliza Jane Smith chegou a Patos em 1889, em companhia de seu esposo, o pastor protestante John Thomas Smith, de nacionalidade inglesa. Foi a primeira orientadora da Escola Municipal do Sexo Feminino” (FONSECA, 1974, p. 115).

Em 1893 a Igreja recebe por profissão de fé e batismo seus primeiros convertidos, acolhidos pelo Rev. Carlos Morton, sendo eles: João Camilo da Cruz, Francisco Tolentino, Francisco Amâncio, Manoel Amâncio e sua esposa Maria Amâncio. Neste mesmo ano John Smith muda-se para Araguari, e Saint-Clair para Lagoa Formosa. Então o Sr. João Camilo da Cruz toma a direção do trabalho.

Em 1900 professam sua fé, João de Barros e sua esposa Rita Maria da Paixão Barros. Com a morte de João Camilo, em 1905, João de Barros toma a frente, fazendo os cultos em sua residência, que existe até hoje, situada à Rua General Osório, n. 167. Os cultos eram dirigidos por ele, por algum de seus filhos ou pelo pastor, quando este aparecia.

Nesta época era muito difícil a presença de pastores, por serem escassos os missionários no país e por ainda não terem muitos pastores nacionais. Na obra de Boanerges Ribeiro, há uma carta do Rev. Blackford dirigida à Missão, em 1876, com os seguintes dizeres: “Em uma população assim preparada e ansiosa à espera do Evangelho, há apenas um pastor para cada 500.000 almas, enquanto que nos Estados Unidos há para cada 750” (RIBEIRO, 1981, p. 314). Em 1889, havia no Brasil 13 pastores para 52 igrejas, o que tornava mais lento e difícil o trabalho, levando em consideração o difícil acesso a certas regiões localizadas no interior do país.

Regularmente vinham missionários americanos a Patos de Minas para assistirem ao trabalho evangélico. Constatam das atas da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas os nomes de Charles Morton, que foi o primeiro missionário a pregar aqui por volta de 1893, Alfredo Teixeira, Robert See Roberto Daffin, Alberto Zanon, que aqui visitara, anualmente, durante o período de 13 anos.

Segundo a ata da Igreja Presbiteriana, em 1922 o ministério passou por uma fase de abandono, a ponto de o Presbitério entregar à Missão Oeste do Brasil o campo, sendo necessária a vinda de Alva Hardie e Roberto Daffin para promoverem um reavivamento na Congregação. Este campo abrangia as congregações de Patos de Minas, Lagoa Formosa, Bonitos, Pilar, Lagamar, João Pinheiro e Lagoa Grande.

O Rev. Hardie usava um método de pregação bastante peculiar e avançado para a época, que chamava a atenção das pessoas da cidade: o uso de slides. Maria de Melo Chaves, que morou em Patos de Minas no período de 1932 a 1935, em seu livro nos conta a respeito de Alva Hardie, que:

gostava de usar, e usou por muito tempo, um método de pregação objetiva, com o auxílio de uma “lanterna mágica”, o que atraía sempre grande número de curiosos, os quais desejavam ver “o cinema do ministro”. Projetadas as figuras na parede, dr. Hardie, em pé atrás, ao lado do aparelho projetor, começava a explicação, com aquele rompante e aquela linguagem tão sua, tão característica e tão do agrado do povo (CHAVES, 2008, p. 110).

O Rev. Hardie morou em Patrocínio durante sete anos, de 1924 a 1931, pastoreando treze cidades, incluindo várias congregações rurais. Seu campo estendia-se de Araxá até Paracatu.

6. Influência de homens destacados na sociedade patense no seio da Igreja

A partir de 1915 o trabalho evangélico tomou notabilidade na cidade, devido à conversão de Antônio Dias Maciel (1898-1964), que ouviu a Palavra e a acolheu, quando estudava no internato Instituto Gammon, em Lavras, aos 17 anos de idade. No dia 10 de outubro de 1915, fez sua pública profissão de fé e batismo com o Rev. Horacio S. Allyn, em Patos de Minas. Sua conversão provocou agitação na sociedade patense, conforme aponta Chaves:

As novas idéias do estudante provocaram grande reboliço na sociedade patense, pois o moço era Antônio Dias Maciel, filho do Coronel Farnese Dias Maciel e sobrinho do dr. Olegário Dias Maciel, que na ocasião em que nos mudamos para a cidade de Patos, era presidente do Estado. O jovem não escondia suas convicções e começou a tomar parte no trabalho evangélico que se realizava em casa de João de Barros. Sua atitude era olhada com desagrado pelos próprios parentes, devido ao receio de que a questão religiosa prejudicasse o prestígio político da família. Ele, porém, somente cuidou de atender aos reclamos de sua consciência, enfrentando com coragem os preconceitos e as perseguições que começavam a surgir (CHAVES, 2008, p. 136).

Entretanto, a família, mesmo sendo contra, não manifestava formas de perseguição, mas preferia manter-se neutra. Em uma carta do próprio Dr. Antônio Maciel, transcrita em ata da Igreja Presbiteriana, referindo-se ao avô, fala do

[...] gesto eminentemente liberal do cel. Antônio Dias Maciel, então chefe político do município, que ordenara a seus filhos Farnese e Amadeu Dias Maciel assistirem à pregação para garantir a ordem e a liberdade da palavra ao pregador (Ata da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas, livro II, fl.13).

Dr. Antônio Dias Maciel formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Era homem instruído e “de cultura e projeção, e que tem o dom da oratória”. Sendo assim, tomou a direção do trabalho na ausência dos pastores, realizou notáveis conferências e pregou em inúmeras igrejas de Minas, Espírito Santo, Goiás, até mesmo no Rio de Janeiro, sede do presbiterianismo. Participou de diversos congressos evangélicos, inclusive no Internacional de Toronto, no Canadá. Além de ocupar o púlpito, também cooperou com os pastores na organização das sociedades in-

ternas da Igreja e também da Escola Dominical, e teve participação preponderante na doação do terreno e na construção do templo.

As sociedades internas organizadas foram a SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina), UMP (União de Mocidade Presbiteriana), a UPH (União Presbiteriana de Homens) e Paulo de Tarso. A criação destes corpos sociais dentro da Igreja veio tornar o trabalho mais integrado, gerando vínculos de unidade entre os membros e o sentimento de pertencer a um grupo. Dunstan acrescenta:

[...] uma vez salvo, o homem tem de encontrar por si mesmo o caminho para a Igreja. Tinha de haver uma Igreja, um grupo, visível de pessoas cristãs, e todos os cristãos tinham de estar nesse grupo. O grupo era inegavelmente essencial tanto espiritualmente como moralmente, e o cristão tinha de lhe pertencer, para seu próprio bem-estar espiritual e moral (DUNSTAN, 1964, p. 115).

As Sociedades Internas da Igreja Presbiteriana têm por finalidade acompanhar as crianças até a idade adulta, a fim de promover a plena integração dos membros da Igreja por meio de treinamento básico na vida cristã em todos os seus aspectos.

Era necessário criar um ambiente, em que cada membro se sentisse incorporado dentro da sua comunidade, em que todos tivessem o mesmo modo de pensar, agir e falar. Algumas formas de perseguições ameaçavam esta unidade e a expansão do protestantismo na cidade, como atesta Fonseca neste trecho:

Campanhas eram feitas, no primeiro decênio do século visando bloquear a expansão do protestantismo em Patos. "O Trabalho", em edição de 1907, traz uma carta de elemento que deixara o protestantismo, sob o título "O Bom Filho à Casa Torna", com uma introdução, da qual ressaltamos o seguinte: "Abjurou o protestantismo, voltando ao seio da Igreja Católica Romana, o sr., residente no distrito desta cidade, que por alguns anos andou transviado da verdadeira fé". Mais adiante, transcreve a carta dirigida ao padre Getúlio Alves de Mello, cujo tópico principal é o seguinte: "Tomei a resolução, sob juramento de minha alma, a abjurar a religião protestante, prometendo seguir de hoje em diante a religião católica, apostólica de Roma; podendo autorizar-se desta em favor da nossa Santa Religião (FONSECA, 1974, p. 114-115).

Além das sociedades internas, foi criada a Escola Dominical, fundada no dia 31 de outubro de 1926, funcionando pela primeira vez no dia 14 de novembro, na casa de

João de Barros, com início às 12h30min, aos domingos, tendo duas classes, dirigidas pelos Drs. Antônio Dias Maciel e Antônio Martins Vilas Boas, sendo este superintendente da Escola, membro ilustre do Tribunal de Apelação do Estado e que exercia a função de delegado de polícia do município.

A “nova religião”, como era chamada pelos moradores da cidade, foi considerada a “igreja dos doutores”, e tinha entre seus membros, várias pessoas de posição social destacada na sociedade patense. Chaves narra que fora convidada, ela e seu esposo, que era evangelista, para dirigirem a igreja de Patos, e relata que

após o primeiro culto, celebrado depois de nossa chegada ao encerrar-se a reunião, dr. Antônio começou a apresentar-nos aos crentes. Fiquei assustada, pois a igreja era composta, na maior parte, de homens formados e de destaque na sociedade local [...] exclamei para o meu companheiro: Estamos bem arranjados. Você está agora dirigindo uma igreja de doutores (CHAVES, 2008, p. 137).

Ribeiro deixa claro que as intenções da Igreja em ter membros distinguidos dentro na sociedade eram proveitosas para a obra de Deus, porque esta precisava de recursos e também de pessoas capacitadas.

Não se trata, é claro, de adesão dos ricos ao protestantismo. Mas os limites iniciais, marcados pela pobreza geral dos convertidos, se rompem. A Igreja Presbiteriana do Brasil logo poderá fazer planos de expansão, e de consolidação. Vão surgindo em seu seio, ou aderem a ela, pessoas capazes de dirigir, e com recursos para financiar programas. Vão terminar – e não sem conflitos – os anos em que a Igreja viveu totalmente dependente das Missões, também limitadas (RIBEIRO, 1981, p. 266).

A congregação de Patos de Minas estava crescendo e o trabalho ia adquirindo força. Então no dia 24 de outubro de 1929, ela deixa de funcionar em residência particular transferindo-se para casa própria, localizada à Rua Olegário Maciel, em frente à casa do Binga³. O novo local é reverentemente chamado de “Casa de Oração”.

Em 1938 chega a Patos de Minas o primeiro pastor residente, Estevão Sloop, que permaneceria na direção até 1943, mudando-se para Carmo do Paranaíba. Sobre sua chegada, ele escreve em ata:

³ Sebastião Alves do Nascimento foi prefeito de Patos de Minas em 1958 e candidatou-se a Deputado Estadual pela ex-UDN. Fonte: <http://www.paragonbrasil.com.br/conteudo.php?item=1495>

A convite das congregações de Patos e Lagoa Formosa e a mandado da Missão Oeste do Brasil vim dirigir os trabalhos do Antigo campo de Carmo do Paranaíba com sede do trabalho na cidade de Patos em 18 de Agosto de 1938, quando preguei minha primeira mensagem na antiga casa de oração a menos de cem (100) pessoas. O texto foi em Atos dos Apóstolos, cap. 10:29. No dia 1 de setembro fiz minha mudança de Patrocínio fixando residência no Hotel Rodonia até o fim do ano, passando em fevereiro 1939 para o burgozinho pertencente ao irmão Dr. Antonio Maciel, no fundo do novo templo, onde morei até setembro de 1939 quando mudei para a casa do Augusto Barão português, na Rua Coronel Farnese Maciel (rua da chapada) (Ata da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas, livro 1, fl. 8).

Quando o Rev. Sloop chegou, a construção do novo templo estava iniciada, situada, até hoje, à Avenida Getúlio Vargas, n.º 582, entre a residência de João Pacheco Filho e do Prefeito Clarimundo. O templo foi construído com a cooperação de crentes e não-crentes, mencionando na ata a “imensa contribuição pessoal do Sr. Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, prefeito e Atualpa Dias Maciel, secretário do município” (Ata da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas, livro 2, fl.16).

A comissão responsável pela construção constituía-se das seguintes pessoas: João Pacheco Filho, Jonas Orlando de Barros, Antônio Dias Maciel e Elias Gomes de Deus, que foi substituído pelo filho Oscar Gomes de Deus, por motivo de mudança. O novo templo foi inaugurado no dia 27 de junho de 1940.

Houve um crescimento surpreendente da igreja proveniente de crentes que se mudaram para a cidade, procedentes de Lagoa Formosa e Carmo do Paranaíba, não deixando de haver também grande número de interessados que se manifestaram na própria cidade. A congregação foi se fortalecendo em Patos de Minas, tornando-se a mais forte e a maior da região.

Depois do pastorado do Rev. Sloop, veio para a cidade o Rev. Wilson Castro Ferreira (1913-2007), que permaneceu em Patos de Minas até 1946, sendo substituído pelo Rev. Joseph Woody, por breve tempo. Posteriormente, em 1947, convidado pela Missão Oeste do Brasil, o Rev. Augusto da Silva Dourado assumiria o trabalho na Congregação, sendo empossado pelo Rev. George Hurst, no dia 12 de fevereiro do mesmo ano.

Quando chegou a Patos de Minas, o novo pastor não encontrou atas, nem o histórico da congregação, senão poucos relatórios dos Revs. Estevão Sloop e Wilson Castro Ferreira; e a Congregação, contando já com 115 membros comungantes, não havia ainda sido organizada em Igreja.

Com essa preocupação, o novo pastor saiu de casa em casa a fim de conseguir os dados para fazer o histórico da Congregação. Também foram enviados à Missão Oeste do Brasil dois ofícios pedindo para a Congregação ser organizada em Igreja,

considerando que o trabalho evangelístico aqui na sede, Patos, tem crescido imensamente; considerando que, vemo-nos na contingência de abrir logo diversos pontos de pregação nos diversos bairros da cidade, bem como criar escolas dominicais filiares (Ata da Igreja Presbiteriana de Patos de Minas, livro 1, fl.17).

Então a Missão deu a licença para que a organização se realizasse. Segundo a Constituição da Igreja Presbiteriana⁴,

uma comunidade de cristãos poderá ser organizada em Igreja, somente quando oferecer garantias de estabilidade, não só quanto ao número de crentes professos, mas também quanto aos recursos pecuniários indispensáveis à manutenção regular de seus encargos, inclusive as causas gerais e disponha de pessoas aptas para os cargos eletivos (Art. 5.º).

A Congregação neste momento contava com um número razoavelmente grande de membros comungantes e interessados no evangelho, que ainda não tinham feito sua pública profissão de fé e já estavam se expandindo para outros bairros da cidade. Era preciso criar uma estrutura bem organizada com homens selecionados para dirigir a Igreja, auxiliando o pastor no trabalho evangelístico, administrativo e espiritual.

Foi formada pela Missão uma Comissão Especial para a organização da igreja, que se reuniu nos dias 13 a 17 de novembro de 1947 para esse fim, sendo composta pelos pastores David Lee Willianson, o presidente; Estevão Sloop; José Constantino Ramos, o secretário; Adauto Araújo Dourado; e Augusto da Silva Dourado.

Na obra de Dunstan, ele define “igreja”, afirmando que esta palavra

[...] é freqüentemente utilizada nas Escrituras para designar tãda multitude dispersa pelo mundo, que professa o culto de Deus e Jesus Cristo, que está iniciada na sua fé pelo batismo, que testemunha a sua unidade na verdadeira doutrina e caridade, pela participação na sagrada ceia, que se submete à palavra do Senhor e preserva o ministério que por Cristo foi instituído para pregar a sua palavra (DUNSTAN, 1964, p. 52).

⁴ A constituição encontra-se disponível no site da própria Igreja: www.ipb.org.br/uph/manual.html.

A cerimônia de organização foi realizada no dia 13 de novembro de 1947, dirigida pelo Rev. David Willianson, que ia fazendo perguntas constitucionais à Congregação e esta respondia ficando em pé. Por este ato simbólico a Igreja estava organizada. No mesmo dia, após o culto cerimonial, foi realizada a votação dos diáconos e presbíteros, que contava com a presença de 68 membros comungantes, portanto habilitados a votar. Foram escolhidos democraticamente os seguintes presbíteros: João Pacheco Filho, Américo Moreira Coelho e Oscar Gomes de Deus. Posteriormente verificou-se a eleição dos diáconos: João Evangelista Gonçalves, Antônio Pacheco e Alírio Moreira Coelho.

O nome “igreja presbiteriana” vem da maneira como a igreja é administrada, ou seja, através de “presbíteros” eleitos democraticamente pelas comunidades locais. No sistema presbiteriano, os membros elegem os presbíteros e diáconos como seus representantes, reunidos em assembleia. E estes representantes formam “os concílios, que são assembleias formadas por pastores e presbíteros, que se reúnem para cuidar do governo da igreja em seus respectivos níveis” (NASCIMENTO; MATOS, 2007, p. 75).

7. Forma de culto presbiteriano

A Igreja Presbiteriana do Brasil adota a Confissão de fé de Westminster⁵ como princípio para a exposição das doutrinas bíblicas, tendo a Bíblia como única norma de fé e conduta. Quanto à forma de culto adotada pela Igreja, Nascimento e Matos assim descrevem:

Quanto ao culto, as igrejas presbiterianas procuram obedecer ao chamado “princípio regulador”. Isso significa que o culto deve ater-se às normas contidas nas Escrituras [...] O culto presbiteriano caracteriza-se por sua ênfase teocêntrica (a centralidade do Deus triunfo), simplicidade, reverência, hinódia com conteúdo bíblico e pregação expositiva (NASCIMENTO; MATOS, 2007, p. 10).

A Igreja Presbiteriana tem sua forma de culto, que a identifica em sua maneira singular e distinta de cultuar a Deus e a difere de outras formas de culto protestante; isso pode ser testificado na obra de Dunstan no seguinte trecho:

⁵ A Confissão de Fé de Westminster foi a convocação de uma Assembleia pelo Parlamento da Igreja da Inglaterra para elaborar os novos padrões doutrinários, litúrgicos e administrativos para a Igreja inglesa, no século XVII.

Portanto, o homem deve exprimir a sua fé religiosa em formas variáveis de pensamento e de ação. A divisibilidade do protestantismo é um resultado da própria crença em que se fundamenta. Não obstante, essa mesma crença é o que unifica o protestantismo, independentemente das controvérsias e disputas entre os seus adeptos. A fé básica do protestantismo não muda; só mudam sua forma e sua aparência exteriores (DUNSTAN, 1964, p. 7).

O domingo era o dia “consagrado ao Senhor”, em que os membros deveriam reservar-se exclusivamente às práticas religiosas, nas quais incluíam a leitura da Bíblia, a assiduidade à Igreja, além da prática de “deveres de necessidade e de misericórdia”, na abstenção de empregos seculares e recreações. Sobre a dedicação do domingo, Ribeiro declara que

No sertão, o problema, naturalmente, são os domingos, com as atividades de lazer mundano eliminadas, o trabalho proibido; as leituras bíblicas, prédicas e demais exercícios religiosos exigem a presença de ao menos um alfabetizado. Durante a semana a rotina continua, e os novos padrões de comportamento, em lugar de desencorajar o trabalho, estimulam-no. “Quem não quer trabalhar, não coma também”, ensinou o apóstolo; e o escândalo de nossos missionários é constante com a inação dos mais pobres entre os nativos (RIBEIRO, 1981, p. 268).

As pessoas que se interessavam por se tornar membros da Igreja eram admitidas após passarem por algumas exigências. Os interessados deveriam possuir instrução evangélica e passar no exame, e antes da admissão, eram cuidadosamente interrogados pelo pastor. Ninguém seria admitido à profissão de fé a menos que mudasse de vida. Nada de algazarra, negócios no domingo, confraternização com a Igreja Romana. A igreja evangélica não recebia ninguém que não estivesse com a sua situação conjugal ratificada pela lei civil.

8. A Escola Dominical como meio de instituir os dogmas da Igreja

Depois da implantação da República em 1889, a educação nacional começa a ser alvo de interesse, oferecendo escola pública ao alcance de todos, mas ainda assim, ela era muito deficiente num país que ainda apresentava um número elevado de analfabetos. Isto se deve ao fato de a instrução não fazer parte do cotidiano das famílias brasileiras.

Somente depois da queda das antigas oligarquias em 1930, com Getúlio Vargas no poder, é que se dará deferência à escolarização.

Quando os missionários chegaram ao Brasil, eles perceberam a necessidade de alfabetizar as pessoas, principalmente porque elas precisariam conhecer as Escrituras, como expõe Ribeiro: “Entre os valores a realizar na nova sociedade, talvez nenhum obtivesse maior ênfase que o da instrução pois a leitura da Bíblia é indispensável à fé Reformada” (RIBEIRO, 1981, p. 184). Era imprescindível o estabelecimento de escolas para os filhos dos membros da igreja a fim de assegurar o futuro da própria igreja evangélica no Brasil.

Nas primeiras escolas protestantes do Brasil foram matriculados os filhos dos protestantes, republicanos e liberais, devido às constantes perseguições que as crianças sofriam nas escolas, pois na época do Império as escolas públicas pertenciam ao Estado, e as particulares, à Igreja Católica. Ao educar as crianças, eram-lhes transmitidos os valores da religião reformada e todos os princípios ético-morais necessários ao indivíduo para viver em sociedade. Segundo Ribeiro, “a escola ao lado de cada igreja destinava-se a suprir a ineficiência do sistema pedagógico nacional, bem como, onde fosse o caso, prevenir conflitos, que poderiam resultar da imposição de práticas católicas romanas às crianças protestantes” (RIBEIRO, 1981, p. 189-190).

Em muitas igrejas presbiterianas, uma escola primária era complemento obrigatório do templo. Na orientação pedagógica, evitavam o proselitismo, não exigiam conversão à sua fé, nem a observação de seus preceitos religiosos. Mas, nos relatórios enviados à junta, demonstravam inequivocamente que também queriam formar pastores para dar prosseguimento à sua missão e atrair os jovens para o protestantismo. Segundo Ribeiro e Celani,

Todo processo de instrução básica feito pelos evangelizadores nos Estados Unidos teve, desde seu nascedouro, intenção missionária e de conversão, dentro dos modelos estabelecidos. Tendo a Bíblia como instrumento didático, no ato de se alfabetizar, o indivíduo não só aprendia a ler, mas, também a conhecer a Palavra, cuja utilização e compreensão dependia do sermão semanal e do trabalho pastoral a ser realizado na “escola dominical” (RIBEIRO; CELANI, 2002, fl.20).

Em Patos de Minas, no ano de 1947, o pastor Rev. Augusto Dourado enviou dois ofícios à Missão Oeste do Brasil, pedindo “a criação de uma escola de alfabetização, junto a Igreja, de acordo com a resolução do Supremo Concílio”. Isso veio a ocorrer somente

no ano de 1968, com uma escola dirigida pela UMP (União de Mocidade Presbiteriana), funcionando inicialmente nas dependências da Igreja Presbiteriana, cujo nome inicialmente era Escola Primária da Mocidade Presbiteriana, passando posteriormente a ser denominada de Pré-Escolar “Chapeuzinho Vermelho”. Borges postula que

A escola era de cunho particular, a Igreja Presbiteriana cedia as instalações da mesma para o seu funcionamento [...] Todos os dias antes das aulas aconteciam com todas as crianças o culto; no qual cantavam, oravam a Deus e contavam histórias bíblicas. Uma parte bem pequena da escola era de alunos evangélicos, a maioria deles eram católicos e ainda uma minoria das demais religiões, participavam do culto somente aqueles que os pais permitiam, este não era um momento obrigatório aos alunos (BORGES, 2006, p. 9).

Com base na dissertação *Predestinação e escolaridade*, de Ribeiro e Celani (2002), podemos perceber como a Escola Dominical teve papel preponderante no contexto das Igrejas Presbiterianas, amparadas no Calvinismo, para a formação da nova geração de diáconos e presbíteros nacionais para a sua efetivação na obra. Ribeiro aponta como os protestantes supervalorizaram a criação de suas próprias escolas e como

[...] colocaram a instrução (formação) a serviço da crença reformada e pretenderam obter, pela escolaridade, formas concretas e corretas do verdadeiro comportamento cristão, da formação e conscientização sócio-política dos futuros cidadão e, sobretudo, da salvação de todos (RIBEIRO; CELANI, 2002, fl.13).

Ribeiro e Celani expõem a importância da criação do IBEL para preparar aqueles que iriam ensinar e pastorear as igrejas, dentro dos pontos da doutrina da Igreja Presbiteriana, pré-definidos como expressão legítima e necessária à fé de seus membros, afirmando que

O êxito maior dos missionários presbiterianos na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, foi a fundação do “Instituto Bíblico Eduardo Lane” – na cidade de Patrocínio, em 1932 –, celeiro de futuros pastores, evangelistas e professores leigos, que viriam a atuar na formação e alfabetização dos novos membros da igreja nas várias comunidades da região (RIBEIRO; CELANI, 2002, p. 34).

Em cada bairro onde se abria novo trabalho da Igreja Presbiteriana em Patos de Minas, eram abertas Escolas Dominicais nas casas dos novos convertidos para instituir

novo ponto de pregação das Escrituras, a fim de consolidar os novos crentes nos dogmas da Igreja.

9. Considerações finais

A Igreja Presbiteriana teve papel preponderante no contexto da cidade de Patos de Minas, atuando como instituição formadora de novos princípios protestantes. Por meio de missionários e pastores, que desbravaram o interior mineiro, suas mensagens tiveram acesso a lugares em que não havia nenhuma presença protestante, avançando no trabalho missionário.

Nesta pesquisa procuramos esclarecer como o protestantismo chegou a Patos de Minas, através da Igreja Presbiteriana, e também enfatizamos o seu processo de consolidação, que se efetuou num período relativamente longo. Demonstramos os fatores que levaram à sua organização, fortalecendo a Igreja e criando vínculos de unidade entre os membros.

Nosso trabalho teve como objetivo compreender o curso do presbiterianismo na cidade, o que dará oportunidade a outras pesquisas, no sentido de elucidar outros aspectos. Sugerimos aos novos leitores/pesquisadores, que avancem na pesquisa sobre o tema, a fim de produzir novas abordagens, contribuindo para o meio acadêmico e também para a história regional.

10. Referências Bibliográficas

BÍBLIA Sagrada. N.T. Marcos. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. cap. 16, p. 990.

BORGES, Izabel Fidêncio e Silva. *A educação protestante em Patos de Minas: Historiando sua gênese (1968-1985)*. 2006. 25 f. TCC. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, Patos de Minas, 2006.

CHAVES, Maria de Melo. *Bandeirantes da fé*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2008. 147 p.

CONSTITUIÇÃO da Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível em:
<http://www.ipb.org.br/quem_somos/concilios.php3> Acesso: 18/05/2009

DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964. 197p.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Edusp, 1998 (Didática, 1).

BRANDÃO, Risoleta Maciel. *Cinqüentenário: Escola Estadual "Professor Antônio Dias Maciel" - Passado de glória, presente de realizações*. 1982

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, Geraldo. *Domínios de pecuários e enxadachins: história de Patos de Minas*. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

Igreja Presbiteriana de Patos de Minas. *Atos Pastoraes e Rois da Igreja de Patos*. Patos de Minas, 1938. Livro 1.

Igreja Presbiteriana de Patos de Minas. *Atos Pastoraes e Rois da Igreja de Patos*. Patos de Minas, 1947. Livro 2.

LEMBO, Cláudio; HILSDORF, Maria Lucia; MATOS, Alderi S. de. *Simonton, 140 anos de Brasil*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. 72p., v. 3. (Série colóquios).

NASCIMENTO, Adão Carlos. MATOS, Alderi Souza de. *O que todo presbiteriano inteligente deve saber*. São Paulo: SOCEP Editora, 2007.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. 5. ed. revisada. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

OLIVEIRA MELLO, Antonio de. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da "Academia Patense de Letras", 1971, vol. 1.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981. 361p.

_____. *Protestantismo no Brasil monárquico: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Viviane; CELANI LEITE, Sérgio. *Predestinação e escolaridade: a comunidade Presbiteriana e a educação no município de Lagamar (MG)*. 2002. 95 f. Tese - Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, Patos de Minas, 2002.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas Gerais*. 2 ed. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, s/d.